

ACÇÃO E CRIAÇÃO: A PERSPECTIVA DA CRIATIVIDADE NO FAZER MUSICAL

MARIA REGILÂNI ÂNGELO DE SOUZA¹
MARIA GORETTI HERCULANO SILVA²

“NATURALMENTE, HÁ UMA INFINIDADE DE PROJETOS POSSÍVEIS,
ASSIM COMO HÁ UMA INFINIDADE DE HOMENS POSSÍVEIS”.
(SARTRE)

Resumo

O trabalho aqui exposto tem como principal objetivo fazer uma reflexão acerca da criatividade, e como esta se encontra presente no curso de música, a partir da observação de algumas atividades proporcionadas pelo PET- Música. A pesquisa encontra-se em andamento, tem caráter qualitativo, do tipo estudo de caso com instrumental de observação e entrevistas semiestruturadas. Ao buscar elucidar a importância do fomento à criatividade num curso de música – principalmente por se tratar de um curso de licenciatura – o estudo visa acompanhar algumas elaborações criativas que vem se consolidando no âmbito de ações como a Cena Musical, o Grupo de Violoncelos e o Grupo Vocal Set. Assim, pretende-se compreender os processos que potencializam a criatividade nessas práticas, verificando quais os impasses, os desafios e expectativas dos participantes. Até o momento, focaliza-se o trabalho pré-expressivo para adquirir dados acerca da criação e das dificuldades encontradas pelos envolvidos, tendo em vista a autonomia no âmbito dos grupos supracitados. O ponto em questão é entender os porquês do “*não ser*” criativo, por que ser, e como ser. Nesta perspectiva, como resultados preliminares, destaca-se a complexidade criativa no grupo A Cena Musical. Para embasar as reflexões, buscou-se subsídio na filosofia, ciência e na arte, através de escritos de J. P. Sartre (1943), Deleuze (1999), Ostrower (1977), Brook (2011), dentre outros, acerca do ser criativo e da criatividade.

Palavras-chave: Criatividade; Autonomia; Música.

Abstract

The main objective of this work is to reflect on creativity and how it is present in the music course, based on the observation of some activities provided by PET-Music. The research is in progress, has a qualitative character, of the case study type with observation instruments and semi-structured interviews. In seeking to elucidate the importance of fostering creativity in a music course - mainly because it is a degree course - the study aims to accompany some creative elaborations that have been consolidating in the scope of actions such as the Musical Scene, the Group of Cellos and the Grupo Vocal Set. Thus, it is intended to understand the processes that enhance creativity in these practices, verifying the impasses, challenges and expectations of the participants. So far, the pre-expressive work is focused on acquiring data about the creation and the difficulties encountered by those involved, in view of the autonomy within the aforementioned groups. The point in question is to understand the whys of creative "not being", why be, and how to be. In this perspective, as preliminary results, the creative complexity in the group A Cena Musical stands out. To support the reflections,

¹ Graduanda em Licenciatura em Música pela Universidade Federal do Cariri (UFCA). Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET). Email: regilanimaria@gmail.com.

² Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora no Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal do Cariri. Email: goretti.herculano@ufca.edu.br.

we sought a subsidy in philosophy, science and art, through writings of JP Sartre (1943), Deleuze (1999), Ostrower (1977), Brook (2011), among others, about creative being and of creativity.

Keywords: Creativity; Autonomy; Music.

INTRODUÇÃO

O estudo acerca da criatividade teve início nos anos cinquenta de forma sistemática, portanto, este é um tema “novo” (SEABRA, 2008). Apesar das discursões serem frequentes, a questão continua sendo percebida com insatisfação em vários âmbitos da vida humana. Howard Gardner, psicólogo e pesquisador, compõe a teoria sobre as múltiplas inteligências na década de 80 (SMOLE, 1999), enfatizando a possibilidade de se desenvolver os vários tipos de inteligências, que podem ser usadas como subsídio para criatividade. Nesse sentido, há várias “chaves” para falar de criação. No entanto, a possibilidade de “incorporar” a criatividade beira ao estado inerte diante do fazer, sem “saber por onde começar”, como muitos colocam. Na pesquisa aqui exposta, tem-se como objetivo discutir o fazer musical na perspectiva da criatividade em projetos que estão em atuação no Programa de Educação Tutorial (PET) do curso de Música da Universidade Federal do Cariri (UFCA), a saber: Grupo de violoncelos (FEVUFCA), A Cena Musical e o grupo Vocal Set. A reflexão busca pontuar como tais grupos atuam diante do fazer musical criativo, tendo em vista a discussão que segue sobre criatividade.

Nesta perspectiva, volta-se para o processo pré-expressivo, que como o próprio nome sugere, é tudo o que antecede a ação propriamente dita. Para Ferracini (1988), o pré-expressivo é o nível de presença, em que todas as ações técnicas e vocais serão trabalhadas.

A pesquisa se caracteriza como estudo de caso, que de acordo com Bastos (2011, p. 33), é uma “investigação sistemática de uma instância específica (um indivíduo, um grupo, um conjunto de organizações ou até mesmo uma situação). Não permite a generalização de resultados, mas pode permitir a formulação de hipóteses para o encaminhamento de outras pesquisas”. O olhar do trabalho aqui explicitado é de natureza qualitativa, pois, não há interesse numérico, mas sim, a busca por um aprofundamento maior na pesquisa (BASTOS, 2011).

Como instrumental de coletas de dados, usou-se entrevistas semiestruturadas, sendo estas, com perguntas norteadoras para pesquisadores e sujeitos.

ACERCA DOS CONCEITOS DE CRIATIVIDADE E O SER CRIATIVO NO ÂMBITO DA ARTE

Segundo o dicionário Aurélio (1913, p. 546) de língua portuguesa, criar é “originar; inventar; gerar; produzir; intuir; fundar [...]”.

De acordo com Ostrower (1976), a criatividade é inerente ao ser humano, e tal habilidade se configura no contexto cultural. O mesmo autor afirma que criar é equivalente a formar ou dar forma a alguma coisa e ainda, dar forma a algo “novo”. Pode-se pensar no ato criador como um ato abrangente, que se refere capacidade de relacionar, ordenar, significar. (OSTROWER, 1976).

Mas, onde começa a criatividade? Quais caminhos ela perpassa? Deleuze (1887) afirma que quem cria, só faz aquilo que tem absoluta necessidade. Tal visão, converge com a formulação de Sartre acerca do que viria a ser criação, definida por ele como o ato de proporcionar ao mundo uma nova necessidade (MAHEIRIE, 2003). O ato criador é ocasionado permanentemente, sobretudo por meio da improvisação, sendo esta, primeiro ponto de partida para qualquer criação (LECOQ, 1997).

No entanto, como podemos improvisar? As questões permanecem ilusórias para alguns, como criar a partir do *nada*? Peter Brook (2009) diz que o vazio é o que precisamos para criar algo. Criar a partir do espaço vazio. Mas vale ressaltar que o vazio e o nada são instâncias diferentes, logo, o vazio nesta perspectiva seria a concentração, e a visão do espaço com múltiplas possibilidades. Mas para ter tais possibilidades em mente, é preciso ter um repertório significativo de ações.

Se falamos de criatividade no âmbito musical, logo, remete-se ao campo da composição ou improvisação em música que, sem dúvida, tem demasiada importância no contexto criativo musical. Todavia, a cena musical abrange todo um aparato criativo que envolve a objetivação da subjetividade (MAHEIRIE, 2002).

Vale lembrar que, para criar a partir da experimentação e da experiência, “é preciso que haja uma necessidade [...] do contrário, não há nada.” (DELEUZE, 1987, s/p.).

Com isso, é importante salientar que a criatividade não é algo que acontece de forma automática nem abrupta (XIMENDES, 2010), pois, “os processos diversos que ocorrem durante o processo de criação envolve os dois hemisférios cerebrais.” (MENDONZA, 1998 *apud* XIMENDES, 2010. p. 84). O lado esquerdo, responsável pelo processo de pesquisa e reflexão, e o direito, responsável pela organização espacial do conhecimento. A atividade cerebral no ato criativo sugere um fator de interação, além de duas instâncias específicas da atividade cerebral.

É da interação entre o indivíduo e o meio que surgem os artefactos sociais e culturais discutidos à luz da criatividade. ‘«Trata-se sempre de uma interação entre aptidões

individuais e aprendizagem e factores externos» (Sternberg, apud Punset, 2008: 275). O tipo de actividade cerebral que leva a um comportamento criativo envolve três níveis: um nível de genoma específico do circuito cerebral, um nível de actividade específica do circuito cerebral e o resultado da interacção do cérebro com o ambiente físico, social e cultural. (XIMENDES, 2010, p. 70).

No âmbito musical, isso sugere oportunidades, possibilidades e o fazer sem receio, sendo estes, pontos psicológicos a serem trabalhados. Assim, busca-se desenvolver a habilidade criativa, que se instaura em fatores biológico, cultural, filosófico e artístico, compreendendo a arte como uma das *colunas* que sustentam a humanidade.

No campo da música, Koellreutter sugere, de acordo com Brito (2001), uma formação musical preocupada com a interdisciplinaridade, e com os valores humanos, também inseridos na cultura. Ele aponta então, um trabalho racional, questionador, que transforma e estimula a criação dentro dos pontos supracitados. Assim, além de muito importante o entender a criação e os fatores que impulsionam o acontecer, o vivenciar o ato criativo e *experimentar* constantemente, faz também com que os estudantes de Licenciatura em Música, criem repertórios para subsidiar e orientar seus futuros alunos.

Além disso, a criação em música sugere também além da matéria musical – ou seja, a música pela música – uma presença cênica previamente preparada na constituição do “espetáculo. Mas, como os estudantes, dos grupos em questão, lidam com a autonomia nas suas criações? Isso será discutido no tópico a seguir.

O SER CRIATIVO NOS PROJETOS: PERSPECTIVAS, DIFICULDADES E A AÇÃO

Após a discussão apresentada acerca da criatividade, busca-se agora refletir/analisar como os envolvidos nos grupos citados lidam com a criatividade no âmbito do fazer musical, em diálogo com a discussão anterior.

Os grupos tem em comum a autonomia no seu fazer. Como princípio chave, usam uma abordagem interdisciplinar, traçando questionamentos e reflexões para as ações. De acordo com Brito (2001), Koellreutter se refere a importância dos questionamentos, para o estímulo da criação, sendo o ato criador, uma necessidade, como aborda Deleuze. No grupo Vocal Set, por exemplo, os integrantes traçam sua trajetória num laboratório vocal com ênfase no gênero soul, e nesta perspectiva, os cantores procuram no estágio pré-expressivo, compor todo o discurso musical e de presença cênica, trabalhando o pré-expressivo para composição das ações técnicas e vocais. Nesse caso, a criação acontece em três níveis; os dois primeiros se referem aos processos específicos do circuito cerebral, enquanto o terceiro, é fruto da interação cerebral com o ambiente físico, social e

cultural. (XIMENDES, 2010). Os integrantes incorporam a interdisciplinaridade a cada encontro, pois desde a composição do arranjo até o aparato cênico, todos se envolvem com o que é mais próximo, tais como: precisão na técnica do melisma, pronúncias de canções em inglês, harmonia, improvisação, arranjo, e a parte cênica. Assim, há interação do cérebro com o ambiente físico, social e cultural, pois os mesmos trabalham estes aparatos nos ensaios laboratoriais e propiciam a apreciação da música vocal para o público, sendo esta uma prática *nova* na região.

Todavia, a objetivação da subjetividade como abordada por Maheirie (2002), muitas vezes é suscitada pela (in) permissão para uns, e para outros não. As vivências contam muito para se construir, ou dar existência, como é definido o criar. Além do acúmulo de informações/conhecimento, é preciso organizar e criar espacialmente, ou seja, dar forma e materializar.

Já no Grupo de Violoncelos, os estudantes atuam em busca das bases para o ato criativo, ou seja, buscam criar um repertório de ações e vivências para o fazer criativo. Além do repertório, a busca pela interpretação e a parte cênica, os estudantes já compõem os exercícios para o grupo. Objetivando assim a subjetividade, e espacializando seu conhecimento de maneira renovada. Eles atuam de forma interdisciplinar de igual modo como o grupo Vocal Set, pois dialogam utilizando-se do conhecimento de várias disciplinas.

O grupo Cena Musical, por sua vez, buscou adentrar na organização espacial do abstrato, trabalhando de forma interdisciplinar, com jogos, poesia e escrita de espetáculo, buscando compor um repertório para a sua ação, e ressignificando o conhecimento vivenciado por meio da busca pela expressividade. A improvisação é trabalhada com entusiasmo, e os grupos vão desta maneira adentrando no *terreno* sutil do universo sensível da música.

Logo, pode-se perceber, que as perspectivas que os alunos procuram nutrir em relação ao seu fazer criativo, e o *ser* criativo, possibilitam a interação entre os integrantes dos grupos, a objetivação do plano imaginário, a interação social, a interdisciplinaridade, e um resultado criativo, no contexto da arte. As ações significadas pelos compartilhamentos, propiciam o desenvolvimento da autonomia tão necessária para a prática musical criativa. E com isso, pode-se perceber que a criatividade no amago dos projetos supracitados acontece de forma mutua, compartilhada, e significada pela construção com o outro, no próprio laboratório criativo, ou seja, no processo simbiótico de interação.

(IN) CONCLUSÕES

Ao entrar em contato com discussões acerca da criatividade e ainda partindo da percepção e do entendimento dos processos no âmbito criativo na pré-expressão, pode-se dizer que as discussões aqui abordadas puderam alargar a visão acerca da criatividade, do investigador e dos envolvidos.

A criatividade não acontece numa manhã de domingo, quando acordei com vontade de ser. Ela abrange todo um percurso laboratorial de questionamentos, vivências e oportunidades. Assim, percebe-se que o PET tem um importante papel para os grupos pesquisados. O papel de oportunizar aos bolsistas, a possibilidade de dar vazão aos seus anseios, seus projetos, suas “experiências”, suas expectativas. Todos aprendem juntos, desenvolvendo assim sua autonomia. Os tutores também são pontos chave nesta composição, agindo como incentivadores das ações propostas pelos bolsistas e orientadores das pesquisas, que partem sobretudo, das ações dos projetos.

Permitir-se estar constantemente em laboratório, aprendendo e apreendendo num processo simbiótico de interação e contágio com o outro; a experimentação sem culpa, do plano artístico, o abraçar as oportunidades, o criar possibilidades. Tudo isso sugere um *solo fértil* à criatividade.

As oportunidades e incentivos podem ser o ponto central. Quando se aprende a andar, há possibilidades de correr. A busca, nesse laboratório da vida, e da vida musical, faz-me lembrar de uma célebre frase de Nietzsche (2008, p. 53), em seu livro *Assim Falava Zaratustra*: “ eu aprendi a andar. Desde então, passei por mim mesmo a correr. Eu aprendi a voar. Desde então, não quero que me empurrem para mudar de lugar”.

Com isso, espera-se que o estudo e as considerações aqui apresentadas, sejam fagulhas para reflexões vindouras no fazer criativo, sobretudo, no fazer musical criativo.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Núbia. *Introdução à metodologia do trabalho acadêmico*. Fortaleza: Nacional, 2007.

BRITO, Teca Alencar de. *Koellreutter educador: o humano como objeto da educação musical*. 2.ed. São Paulo: Peirópolis, 2001.

BROOK, Peter. *A porta aberta*. 7ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

DELEUZE, Gilles. *O ato de criação*. Palestra de 1987. Edição brasileira: Folha de São Paulo, 27/06/1999.

FIGUEREDO, Candido de. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 1913. Disponível em: <http://dicionario-aberto.net/dict.pdf> Acesso em: 30/07/18 às 13hs.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* - 43.ed. 2011.

MAHEIRIE, Kátia. Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. *Interações*, vol. VII, NÚM. 13, JAN-JUNH, 2002, P.31-44. São Paulo, Brasil.

MAHEIRIE, Kátia. Processo de criação no fazer musical: uma objetivação da subjetividade, a partir dos trabalhos de sartre e Vygotsky. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 8, n. 2, p. 147-153, 2003.

MEIRA, Marly. *Filosofia da criação*: reflexões sobre o sentido do sensível. Porto Alegre: Mediação, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim Falava Zarathustra*: um livro para todos e para ninguém. 3ed. São Paulo: Ed. Escala, 2008.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. Editora Vozes. RJ. 187p. 1977.

SARTRE, Jean Paul. *O ser e o nada*. Éditions Gallimard, 1943.

SCHAFER, R. Murray. *A afinação do mundo*. São Paulo: UNESP, 1997.

SEABRA, Joana Miguel. *Criatividade*. 2008. Disponível em: <www.psicologia.com.pt>. Acesso em: 15/05/18 às 8hs.

SMOLE, Kátia Cristina Stocco. *Múltiplas Inteligências na Prática Escolar*. Brasileira: Ministério da Educação, Secretaria de Educação à Distância. 1999. 80p;16cm. (Cadernos da TV Escola. Inteligências Múltiplas, ISSN 1517-2341 n.1).

XIMENDES, Ellen. *As bases Neurocientíficas da Criatividade*: o contributo da neurociência no estudo do comportamento criativo. Dissertação de mestrado em Educação Artística. Lisboa, 2010. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/7285/2/ULFBA_tes%20373.pdf>. Acesso em 02/06/18 às 9hs.